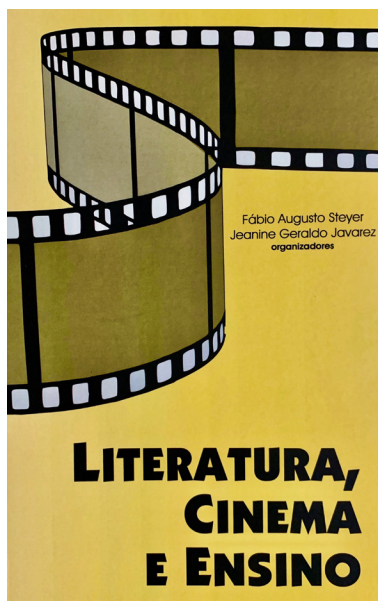


APONTAMENTOS SOBRE O CINEMA E AS ARTES DO VÍDEO: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR E CRÍTICO



Eduardo Antonio Ramos Silva¹
Luiz Rodolfo Annes²

Sobre STEYER, Fábio Augusto; JAVAREZ, Jeanine Geraldo (Orgs). **Literatura, cinema e ensino**. Ponta Grossa: Editora Texto e Contexto, 2019, 200 pp, ISBN 978-85-94441-51-5.

Resumo: Trata-se de uma resenha crítica do livro *Literatura, Cinema e Ensino* organizado por Fábio Augusto Steyer e Jeanine Geraldo Mafra, publicado em 2019 pela editora Texto e Contexto (Ponta Grossa, PR) e contendo nove trabalhos ou capítulos que se interconectam em suas abordagens analíticas e comparativas sobre a literatura, o cinema, as artes do vídeo e o ensino/pesquisa (permeados por essas linguagens). Essa coletânea de textos torna-se um veículo de acesso que pode subsidiar pesquisas acadêmicas no universo das artes, letras, educação e comunicação, além de um convite expresso para uma leitura permeada de metáforas e signos audiovisuais.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Artes do Vídeo. Ensino.

217

A interdisciplinaridade e as relações intertextuais não se constituem em novidade no campo das artes cinematográficas. Já no prefácio da coletânea de textos, José Aparício da Silva – pesquisador convidado para elaborar a apresentação do livro em questão – destaca que “o romance no século XX contribuiu categoricamente para inovações técnicas no cinema, como a quebra de linearização da narrativa, por exemplo” (p. 8).

1 Mestrando do Programa de Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP) – vinculado à linha de pesquisa (2): Processos de criação no Cinema e nas Artes do Vídeo. Especialista em Comunicação Política e Imagem (UFPR). Graduado em Sociologia e Teologia. Membro do GP Kinedária – arte, poética, cinema, vídeo (Unespar/CNPq). Email: eduardoantoniosmict@gmail.com

2 Mestrando do Programa de Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP) – vinculado à linha de pesquisa (2): Processos de criação no Cinema e nas Artes do Vídeo. Bacharel em Pintura pela EMBAP. Membro do GP Kinedária – arte, poética, cinema, vídeo (Unespar/CNPq). Email: lrannes@hotmail.com

Diante do exposto, não é de se admirar que o cinema e as artes do vídeo (re)inventem frequentemente, ou melhor, traduzam semioticamente códigos e linguagens advindas de outras mídias, adaptando-os aos seus próprios elementos/vocabulário codificadores. As linguagens mediadas por telas – cinema e artes do vídeo – acabam por se configurar no limiar das artes e das comunicações.

O livro *Literatura, Cinema e Ensino*, organizado por Fábio Augusto Steyer e Jeanine Geraldo Javarez, publicado em 2019 pela Editora Texto e Contexto (Ponta Grossa, PR) e contendo 200 páginas é resultante de um conjunto heterogêneo de nove artigos/ensaios críticos e reflexivos, envoltos com questões de adaptação, intertextualidade, tradução, intervenção e reinvenção intermediária e, por esse motivo, encontra-se também no limiar das artes, das letras e das comunicações.

O primeiro capítulo é composto pelo texto *“Homoafetividade feminina no cinema: uma análise de ‘Carol’”*, escrito por Ana Claudia Pereira Andruchiw. A autora, que é mestranda em Estudos da Linguagem (UEPG), problematiza a representatividade de gênero no cinema, trazendo para o foco da discussão a homoafetividade feminina. O objeto empírico de sua investigação é composto pelo filme *Carol* (Todd Haynes, 2015), cuja temática central aposta em uma narrativa calcada no romance vivido por duas protagonistas mulheres. A justificativa para empreender tal pesquisa analítica é destacada pela autora ao afirmar que é extremamente relevante abordar tal assunto nas artes cinematográficas, visto que, “além de questionar o desprestígio de um grupo social que ainda encontra pouca representatividade nas grandes telas, corrobora para que se diminua o distanciamento dessa minoria na sociedade” (p. 14).

Beatriz Avila Vasconcelos, por sua vez, é a autora do texto que define o segundo capítulo da coletânea e que se intitula *“O tempo e observação no cinema poético de Andrei Tarkovski”*. Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de Humboldt (Berlim) e docente permanente do Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Unespar/FAP, além de professora adjunta no curso de Bacharelado e Audiovisual, na mesma instituição, a autora se debruça com rigor científico sobre as proximidades entre os processos criativos do cineasta Andrei Tarkovski e a expectativa de recepção de seus textos fílmicos aos pressupostos da poesia. A autora empreende uma jornada analítica a partir dos textos

escritos e filmes realizados pelo cineasta buscando, neste vasto material, subsídios para compreender a ‘poesia’ no pensar-fazer cinema para Tarkovski. Vasconcelos explora em seu artigo “a relação deste cinema poético [...]com as ideias de tempo e de observação/atenção, a partir de uma aproximação – feita pelo próprio cineasta – entre a sua concepção de cinema e o haikai” (p. 31). O estudo conta com intervenções teóricas de Octavio Paz, Hans Ulrich Gumbrecht e Lucy Alford.

O capítulo 3 é composto pelo artigo “*Literatura, cinema e teatralidades na dança: reflexões sobre linguagens e (in)fidelidades intersemióticas*” de Cristiane Wosniak. A autora, que é Doutora em Comunicação e Linguagens (UTP), docente permanente do Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Unespar/FAP, além de professora adjunta no curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual, na mesma instituição, apresenta algumas reflexões analíticas sobre as traduções intersemióticas aplicadas a três matrizes distintas de linguagens: a literatura, a dança e as artes do vídeo. Os objetos empíricos da investigação se constituem no conto de fadas *Cinderella* (Charles Perrault, 1697), da obra coreográfica *Cendrillon* (Maguy Marin, 1985) e do videodança de mesmo título criado em 1989 por Antoine Manologlou – a partir da referida obra coreográfica. O viés teórico que sustenta a análise videográfica, de caráter semiótico, encontra-se ancorado no conceito de paródia lúdica de Linda Hutcheon e tradução intersemiótica de Júlio Plaza.

“*Reflexões sobre orientações de pesquisa artística em cinema*” é o título do capítulo 4, de autoria de Eduardo Tulio Baggio. Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), coordenador do Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Unespar/FAP, além de professor adjunto no curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual, na mesma instituição, Baggio traz para a reflexão um texto apresentado originalmente na 6ª Conferência Internacional de Cinema, realizada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, em Portugal. O autor reflete sobre os caminhos metodológicos da pesquisa acadêmica como geradora de conhecimento e transporta esses caminhos para a pesquisa em/sobre artes, questionando as diferenças de caráter objetivo e subjetivo na elucidação de problemas de ordem sensível e estética. No âmbito das pesquisas em artes cinematográficas, o autor apresenta os “relatos de processos de criação artística”

(p. 81) como uma possível vertente – visão particular – da pesquisa em artes, ao lado de pesquisas que podem também se debruçar sobre autores e obras já existentes – visão geral do assunto/tema a ser investigado.

O capítulo 5 traz o texto elaborado por dois autores – Andrio J. R. dos Santos e Enéias Farias Tavares – denominado “*Na terra, no espaço e no além: ecos da estética lovecraftiana em produções cinematográficas*”. Santos e Tavares são doutores e mestres em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal de Santa Maria (RS). Em seu texto, os autores debatem a presença maciça da influência de Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), marcada por uma intensa produção (prosa ficcional) marcadamente povoada “pela ideia de horror cósmico, expressa a partir de um estilo erudito e exuberante” (p. 95), na atualidade. Os autores revistam essa influência lovecraftiana notadamente presente em jogos, histórias em quadrinhos e especificamente em filmes que atualizam, aprofundam e ampliam as ficções de Lovecraft.

Em “*Vermelho Brasil’ – diálogo entre literatura e cinema e outras intertextualidades*”, texto que introduz o capítulo 6 –, José Luís Schamne toma como foco de análise o filme *Vermelho Brasil/Rouge Brésil* (Sylvain Archambault, 2014) em análise comparativa com os “textos seiscentistas que figuram como fontes diretas ou indiretas da tentativa de fundar a França Antártica em solo brasileiro” (p. 131). O autor, que é mestrando em Estudos da Linguagem (UEPG), pondera sobre as possíveis aproximações e afastamentos temáticos entre os dois tipos de produção, tanto no contexto histórico, quanto na linguagem que os constituem em distintos objetos de investigação.

No capítulo 7 a autora Juliana Ristow, que é mestre em Estudos da Linguagem (UEPG), evidencia em “*Série: gênero herdeiro do romance folhetim*”, uma comparação analítica entre o gênero da ficção seriada com a literatura, ou mais especificamente: entre a série brasileira de drama e ficção científica *3%* (Pedro Aguilera, 2015), disponível na Netflix, com o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Lima Barreto, 1911), publicado com a estrutura fragmentada de folhetins no *Jornal do Comércio*. Ristow parte de uma instigante problematização: “admitindo as séries como gênero literário [a série *3%*] seria uma remodelagem do folhetim?” (p. 137). Em seus estudos preliminares, a autora conclui que, possivelmente, a resposta a essa questão seja afirmativa.

“*O Corvo*’, de Alex Proyas: diálogos” é o artigo que representa o oitavo capítulo. Sua autora, Thatiane Prochner – mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade (Departamento de Estudos da Linguagem/UEPG) e professora colaboradora da UEPG –, apresenta uma rigorosa leitura da obra fílmica *O Corvo* (Alex Proyas, 1994), comparando a estrutura do texto fílmico com o poema *The Crow* (Edgar Allan Poe, 1845). A autora intenta estabelecer possíveis diálogos da produção de Proyas com as várias faces do universo gótico, utilizando-se, para essa finalidade argumentativa, da intertextualidade como ancoragem teórica.

O último capítulo da coletânea apresenta o artigo “*Literatura e cinema: ‘As Meninas*’, de Lygia Fagundes Telles”, dos autores Fábio Augusto Steyer e Jeanine Geraldo Javarez. Trata-se de uma análise comparativa que entrelaça a teoria literária e a narrativa cinematográfica, focalizando o estudo do discurso indireto livre, aplicado a dois objetos empíricos de investigação: o filme *As Meninas* (Carlos Moletta e Emiliano Ribeiro, 1996) e o romance *As Meninas* (Lygia Fagundes Telles, 1974). Steyer é mestre em História (PUC-RS), doutor em Letras (UFRGS) e professor adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Departamento de Estudos da Linguagem, atuando na graduação e na pós-graduação. Javarez é mestre em Estudos da Linguagem (UEPG) e doutoranda em Estudos Literários (UFPR), além de atuar como professora do ensino básico, técnico e tecnológico do IFPR. Os autores colocam em regime de analogia e discussão o discurso indireto livre – do romance – e o associam a uns dos elementos simbólicos da linguagem cinematográfica: o *raccord*.

Em síntese: desde o surgimento do cinema, a relação do filme com a literatura é inegável. A prática de transformar, traduzir ou adaptar as narrativas literárias para as telas do cinema e das artes do vídeo contribuiu, certamente, para a ampliação das variadas possibilidades artísticas que, ao borrarem fronteiras, garantem as constantes atualizações e a vitalidade das linguagens.

REFERÊNCIA

STEYER, Fábio Augusto; JAVAREZ, Jeanine Geraldo (Orgs.). **Literatura, cinema e ensino**. Ponta Grossa: Editora Texto e Contexto, 2019.

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 07/12/2019